

# CONVENTO QUINHENTISTA DO BOM JESUS DE PENICHE

## PRIMEIRA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

**CLAUDIA CUNHA** Grupo de Populações e Culturas do Passado, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS), Universidade de Coimbra. Grupo de Quaternário e Pré-história, Centro de Geociências, Universidade de Coimbra

**CARLOS VILELA**

**SÓNIA SIMÕES**

**TIAGO TOMÉ** Grupo de Populações e Culturas do Passado, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS), Universidade de Coimbra. Grupo de Quaternário e Pré-história, Centro de Geociências, Universidade de Coimbra

**JOÃO MOREIRA**

**MÓNICA GINJA** Munis – Atelier de Arqueologia, Lda.

**GERARDO GONÇALVES** CIDEHUS Universidade de Évora

**RESUMO** A intervenção arqueológica no Convento do Bom Jesus de Peniche evidenciou níveis de ocupação e cultura material que atestam a evolução urbana desta área da cidade desde os finais do século XVI. O que mais se destaca neste contexto são as evidências das dinâmicas construtivas e a profusão da cultura material como testemunhos da importância do sítio em época Moderna como um dos principais edifícios da então crescente vila de Peniche. O presente artigo é uma primeira notícia da intervenção arqueológica em contexto de arqueologia de emergência no sítio do convento.

**PALAVRAS-CHAVE** Convento franciscano, Peniche, arqueologia de emergência, Idade Moderna

### 1. INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica no Convento do Bom Jesus de Peniche, realizada entre Outubro e Dezembro de 2010, é resultado dos trabalhos de minimização de impacto arqueológico no contexto da construção de um estabelecimento comercial na área historicamente conhecida e documentada como pertencente ao referido convento. Infelizmente a obra foi licenciada e parcialmente edificada sem condicionamentos no que toca ao património arqueológico e histórico. Quando os trabalhos arqueológicos foram demandados pelos órgãos competentes, a loja em si já estava construída. As informações que puderam ser recolhidas referem-se ao que pode ser intervencionado durante as obras de infra-estrutura na periferia desta construção Contemporânea, não sendo possível estimar o alcance da destruição não documentada do contexto em questão.

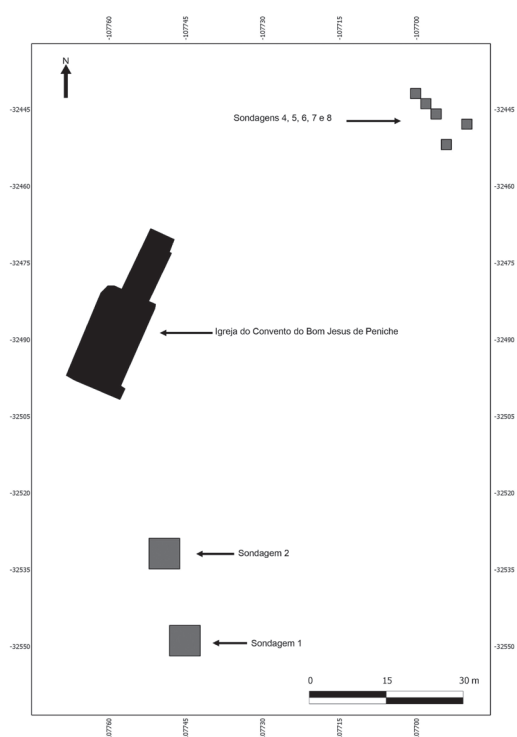
Foram escavadas todas as áreas onde o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de construção evidenciaram níveis de ocupação Moderna dentro da área de afectação da obra. Neste contexto, foram escavados cerca de 269 m<sup>2</sup> do sítio que produziram um retrato parcial da ocupação desta área de Peniche entre os séculos XVI e XXI, além de evidências de ocupações pré-históricas e possivelmente romanas em níveis de revolvimento.

Por determinação do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP (IGESPAR, IP) e como medida compensatória por danos causados pela construção acima mencionada, o dono da obra comprometeu-se a crivar um depósito de sedimentos arenosos de cerca de 1100 m<sup>3</sup>, resultante dos trabalhos de escavação e terraplanagem para a construção da loja, sua cave e demais infra-estruturas cuja execução antecederam a intervenção arqueológica. O trabalho de crivagem foi executado pela equipa de arqueólogos em campo.

### 2. METODOLOGIA

As áreas intervencionadas foram escavadas manualmente. Foram identificadas, registadas e escavadas Unidades Estratigráficas (UE) individuais segundo a metodologia proposta por Harris (1997). O registo descritivo individual de cada UE foi feito por escrito em ficha de campo, com o uso de fotografia e em forma de desenho à escala 1:20. Em zonas cujo registo demandava mais detalhe, optou-se pela utilização de ortofotografias e desenho em SIG adotando-se uma metodologia semelhante à proposta por Machado e Almeida (2008), mas com o emprego de software Open Source Quantum GIS.

As intervenções no sítio do Bom Jesus de Peniche foram executadas em duas zonas: a primeira a Sul da capela do Convento e a segunda a Norte desta estrutura (fig. 1). As áreas escavadas na zona Sul consistiram em duas sondagens de 36 m<sup>2</sup> (sondagem 1 e 2) e alargamentos motivados pelo aparecimento de estruturas de interesse arqueológico dentro da cota de afectação da obra, perfazendo um total de 249 m<sup>2</sup>. A Norte da capela foram escavadas cinco sondagens de 4 m<sup>2</sup>, não havendo a necessidade de proceder-se a alargamentos nesta zona.



1. Localização das sete sondagens arqueológicas escavadas no sítio do Convento do Bom Jesus de Peniche durante a intervenção.

O pacote de areias resultantes dos trabalhos de construção anteriores ao início da intervenção arqueológica e que estava armazenado no canteiro de obras foi crivado em malha metálica de 1 cm<sup>2</sup> de abertura. Os artefactos, material osteológico e malacológico recolhidos neste procedimento foram submetidos a uma triagem, acondicionados e remetidos para tratamento laboratorial. Verificou-se ainda em campo que não havia restos humanos entre o material osteológico.

O material arqueológico proveniente das sondagens e alargamentos foi preliminarmente tratado em laboratório de campo. Procedeu-se ao estudo preliminar deste acervo, estando actualmente a decorrer a análise laboratorial mais detalhada do mesmo.

As cerâmicas, líticos e o material vítreo foram lavados, separados em grandes categorias tipológicas de acordo com sua funcionalidade e manufatura. O material osteológico, malacológico e metálico foi limpo a seco

com ferramentas não abrasivas. O material plástico resultante de níveis de ocupação Contemporânea foi apenas recolhido pontualmente como fóssil director de unidades estratigráficas revolvidas que embora apresentassem materiais mais antigos, podiam seguramente ser consideradas sem interesse arqueológico. Todo o pacote artefactual foi inventariado ainda em laboratório de campo e procedeu-se a uma análise inicial e registo gráfico e fotográfico dos itens mais significativos. Como medida de protecção e minimização de danos, as estruturas expostas pelos trabalhos de intervenção arqueológica e que não foram afectadas pelas obras de construção foram cobertas com geotêxtil e colmatadas com areia antes da regularização do terreno.

### 3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO SÍTIO

A cidade de Peniche (fig. 2) é sede do município homónimo, localizado no distrito de Leiria. Com uma população de cerca de 28.600 habitantes, as principais actividades económicas são a pesca (e indústria relacionada ao processamento de produtos piscícolas) e o turismo. O município abarca seis freguesias: Serra d'el Rei, Atouguia da Baleia, Ferrel, Conceição, São Pedro e Ajuda, onde está localizado o Convento do Bom Jesus de Peniche.



2. Cidade de Peniche. Excerto da Carta Militar de Portugal 1/25 000, n.º 337 (1946).

A península de Peniche situa-se na Orla Meso-Cenozóica Ocidental, correspondendo a uma antiga ilha, entretanto unida ao território continental por um cordão dunar (Camarate França *et al.*, 1960), resultante do assoreamento da zona entre as então ilhas do Baleal e de Peniche, processo que se terá acentuado a partir do século XIV/XV (Calado, 1994). Esta península é formada por um afloramento calcário do Jurássico inferior (Duarte, 2003), designado de Lias de Peniche, sendo a superfície da zona central actualmente composta por

depósitos de antigas praias e terraços, de cronologia plistocénica e areias dunares holocénicas (Camarate França *et al.*, 1960).

A história de Peniche está intimamente relacionada com a de outra localidade vizinha, a vila de Atouguia da Baleia e às transformações geo-morfológicas que alteraram continuamente o traçado do litoral onde estão localizadas estas duas localidades. Atouguia era um porto importante da costa portuguesa com indícios de actividade portuária já em época romana. Para além desta mais-valia, a população local tinha acesso a recursos essenciais como água e campos férteis e o controlo sobre zonas de pesca importantes ao largo da então ilha de Peniche. A partir do século XII, a Vila de Atouguia entra em ascensão político-económica que culminaria com a concessão por parte de D. Afonso V do título de Conde de Vila de Atouguia a D. Álvaro Gonçalves de Ataíde em 1448 (Calado, 1984; Calado, 1994; Blot, 2003; Dias, 2009).

O afluxo de recursos financeiros e as regalias oficiais conferidas ao porto de Atouguia são evidência da sua importância regional e nacional. Durante o apogeu político-económico de Atouguia, a Ilha de Peniche é basicamente um local de abrigo sazonal de pescadores, pouco propenso a ocupações permanentes ou grandes populações pela falta crónica de nascentes e reservas de água potável. Contudo, o processo de deterioração das condições de navegabilidade do porto de Atouguia, que se inicia no decorrer do século XIII, inviabilizaria o uso comercial do porto no século XVI, concorrendo para o

declínio político-económico da Vila de Atouguia. A partir de meados do século XV, Peniche passa a ser o porto mais viável para escoamento de mercadorias, para a indústria pesqueira e para fluxo de passageiros. Este aumento da actividade económica da localidade vai servir de impulso para o desenvolvimento da ocupação urbana até então incipiente de Peniche (Calado, 1984; Calado, 1994; Salvador, 1997; Blot, 2003; Dias, 2009). Esta mudança de centro do poder económico local, de Atouguia para Peniche, materializa-se no espectro político com o alvará de D. Filipe II, datado de 1609, que eleva esta última a vila e sede de concelho (Calado, 1994). Ao mesmo tempo, a população de Peniche cresce de cerca de 750 habitantes em 1527 para cerca de 7000 em 1609 (Salvador, 1997) (fig. 3).

Contudo, o desenvolvimento urbano inicial de Peniche sempre esteve seriamente condicionado à falta de fontes de água potável com caudal e qualidade para abastecer a crescente população. O investimento público, documentado na construção de poços e cisternas e na sua limpeza a partir do século XVI e intensificado no século XVII, reflecte a importância do suprimento de água a uma povoação que não dispõe de verdadeiras nascentes de água no sentido exacto do termo. Apesar da toponímia local designar de ‘fonte’<sup>1</sup> alguns reservatórios de água essenciais para a população, estas não passam de cisternas ou poços que captam e armazenam águas pluviais (Salvador, 1997).

#### 4. O CONVENTO DO BOM JESUS DE PENICHE

Em 1570 é fundado o Convento Franciscano do Bom Jesus de Peniche, por ordem de D. Luís de Ataíde, Vice-Rei da Índia e Conde de Atouguia da Baleia (Calado, 1984), no local onde já existia uma enfermaria franciscana datada de 1452 (Mattoso, 2002). A cartografia histórica pertencente ao acervo da Direcção de Infra-Estruturas do Exército – Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar e relatos históricos (Engenheiro, 2010) apontam para a construção do convento nas imediações de três ermidas pré-existentes, uma delas provavelmente associada à dita enfermaria. O convento integrava uma igreja de nave única ainda existente (fig. 1), que teria tido paredes forradas a azulejo até meia-altura, sendo o tecto igualmente revestido a azulejo (Calado, 1984). No seu interior localizava-se o túmulo de D. Luís de Ataíde, cujos restos mortais tinham sido trasladados da Igreja dos Reis Magos, em Goa.



3. Mapa histórico de Peniche (*in* Pereda, 2002) datado de 1634, onde se pode ver claramente a florescente população de Peniche e o istmo ainda em formação com a lagoa da Atouguia.

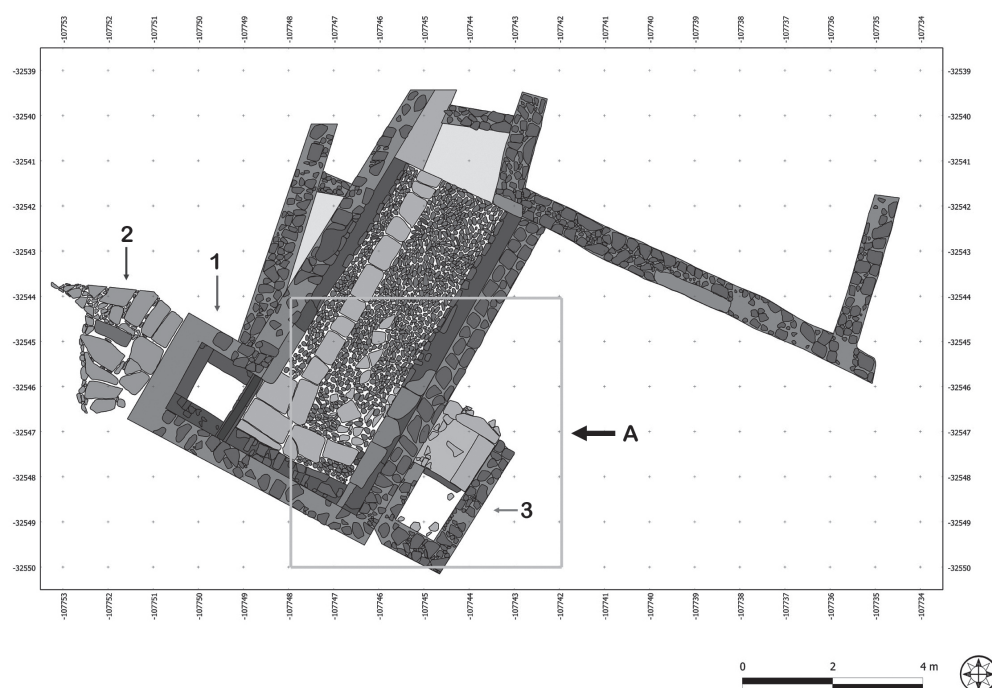
1. O significado formal do termo “fonte” é o de uma nascente de água, chafariz onde corre água, lugar onde nasce água perenemente (Costa e Melo, 1993). Contudo, respeitando a toponímia local, usaremos este termo para discutir neste artigo os reservatórios tradicionalmente assim entendidos a nível local.

Na porta da igreja existia um pequeno alpendre e na entrada do adro um cruzeiro. O único claustro integrava um poço na sua zona central, contendo duas escadas que davam acesso aos dormitórios. O capítulo era de pequenas dimensões, albergando no seu interior as sepulturas dos religiosos e no exterior as de outros indivíduos, de alguma forma ligados ao convento (Calado, 1984). A extinção das ordens religiosas em Portugal, em 1834, ditou o fim da utilização como retiro destes edifícios e a progressiva deterioração de suas estruturas. Em 1844, por solicitação da Irmandade do Santíssimo Sacramento, a Câmara Municipal de Peniche autorizou a retirada de azulejos da igreja do Convento para sua reutilização na Igreja de S. Pedro na freguesia homónima (Calado, 1984; Engenheiro, 2010). Provavelmente esta não terá sido a única vez que o Convento, já no início do processo de degradação das suas estruturas, foi utilizado como fonte de material construtivo para a população penichense.

Em 1856, devido a uma epidemia de cólera (*Cholera morbus*), uma parcela do terreno originalmente pertencente ao Convento foi utilizada para inumação de vítimas do flagelo, provavelmente por estar localizado numa área longe do centro da povoação. Estando as terras do Convento então sob posse do Ministério da Guerra, esta utilização está documentada em planta constante no acervo da Direcção de Infra-Estruturas do Exército – Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar (Rodrigues, 1885).

Em 1864 é construída a Estrada dos Remédios, que passa por terras do antigo Convento. É na segunda

metade do século XIX que esta área, mediante investimento do poder público na sua urbanização, recebe a configuração com a qual é apresentada na planta de autoria de Joaquim Teriaga (1892). Nesta é possível observar que a estrada apresenta um traçado Nordeste-Sudoeste ao lado do muro do adro da igreja. Este por sua vez abre para um largo a Sudoeste onde aparecem o cruzeiro do adro da igreja e a fonte do convento intervencionada durante a campanha de escavação. Ao mesmo tempo, parte das terras do convento está na posse de particulares e é usada para fins agrícolas. Posteriormente, entre finais do século XIX e início do século XX, as terras agrícolas do Convento e os remanescentes das suas estruturas passaram por um processo de re-urbanização, com a formação de uma zona industrial, sendo a igreja do convento utilizada como fábrica de guano (Calado, 1984). Na década de 1930 é construída a Estrada Nacional 114 (EN114), que ligava o Cabo Carvoeiro a Évora, seguindo nas proximidades do convento um antigo caminho agrícola de terra batida que passava a Norte da antiga capela do Convento. Em meados do século XX, a zona começa a ganhar outra configuração com a transformação da então fábrica de guano em armazém. Em algum momento na segunda metade do século XX, o espaço do adro recebe um telhado e é transformado em armazém. Outras construções comerciais e uma urbanização alteram a configuração da zona e cobrem parcialmente estruturas Modernas pertencentes ao convento nos finais do século XX. A última grande alteração das estruturas originais do Convento do Bom Jesus dá-se já com as obras que



4. Plano final da sondagem 1 (A) e estruturas evidenciadas em seus alargamentos. São visíveis a estrutura da fonte do convento (1), seus canais de distribuição (2) e oratório (3) articulados com o pátio interno.

motivaram a intervenção arqueológica do sítio. São demolidas as estruturas ainda existentes do adro da igreja antes do início do acompanhamento arqueológico dos trabalhos de construção.

## 5. RESULTADOS

As sondagens 4, 5, 6, 7 e 8 (fig. 1), por conta da cota de afectação que atingiram, não evidenciaram estruturas ou depósitos de interesse arqueológico ou patrimonial. Todos os estratos escavados remetiam a momentos construtivos do século XX, quando estruturas arruinadas do entorno e entulho Contemporâneo de procedência indeterminável foram usados para nivelar o terreno que nesta região apresenta um declive para norte, de forma a poder proceder-se à construção da caixa de estrada para a EN114, posteriormente alcatroada e que é hoje designada Estrada Marginal Norte. Os materiais arqueológicos datáveis tipologicamente como pertencentes a contextos Modernos neste aterro podem proceder do sítio do Convento do Bom Jesus de Peniche e/ou de outras ocupações Modernas da região, mas encontram-se descontextualizados e envoltos em estratos que também apresentam elementos em plástico e outros pertencentes ao final do século XX e início do XXI.

A sondagem 1, seus alargamentos (fig. 4) e a sondagem 2 contudo, fornecem um panorama mais complexo, com sucessivos estratos que atestam uma dinâmica urbana intensa desde o período Moderno até à época Contemporânea.

A evolução arquitectónica exposta pela sondagem 1 e seus alargamentos começa provavelmente com a construção de um furo para captação de água. Num primeiro momento de construção é feito um tanque forrado com lajes de calcário com rebordo horizontal no mesmo material. Orifícios na parede e abaixo do rebordo servem para drenar para dentro do reservatório a água que naturalmente se acumula no depósito arenoso onde o tanque foi escavado (Fonte 1) (figs. 4 e 5). Existem registos de uma fonte intra-muros quando no XVII o sítio passa a Convento de observância e assume sua configuração descrita na historiografia local, o que constituiria uma das mais-valias descritas para a propriedade. Resquícios de uma cobertura para a zona da fonte são evidentes num arco em pedra da porta de acesso ao depósito, posteriormente reutilizada numa parede de estreitamento do espaço, provavelmente no século XIX. De arquitectura simples, este poço articulava com um pátio interno ladeado por bancos construídos em alvenaria com tampo também em lajes calcárias a Este. Apesar de calcetado com seixos e lajes calcárias, não foi detectado no registo arqueológico nenhuma evidência de telhado ou cobertura desta área (fig. 5).

Um acréscimo posterior ao conjunto parece ter sido um pequeno cómodo com cerca de 1 m<sup>2</sup> de área interior, de finalidade desconhecida, adossado à parede Este do pátio (fig. 4). Apesar do pouco espaço interior, este recinto apresentava reboco e pintura nas suas paredes internas e, na entrada, um batente em pedra de cantaria. Foi ainda aparelhado com piso em pedra



5. Vista parcial da área escavada da sondagem 1.

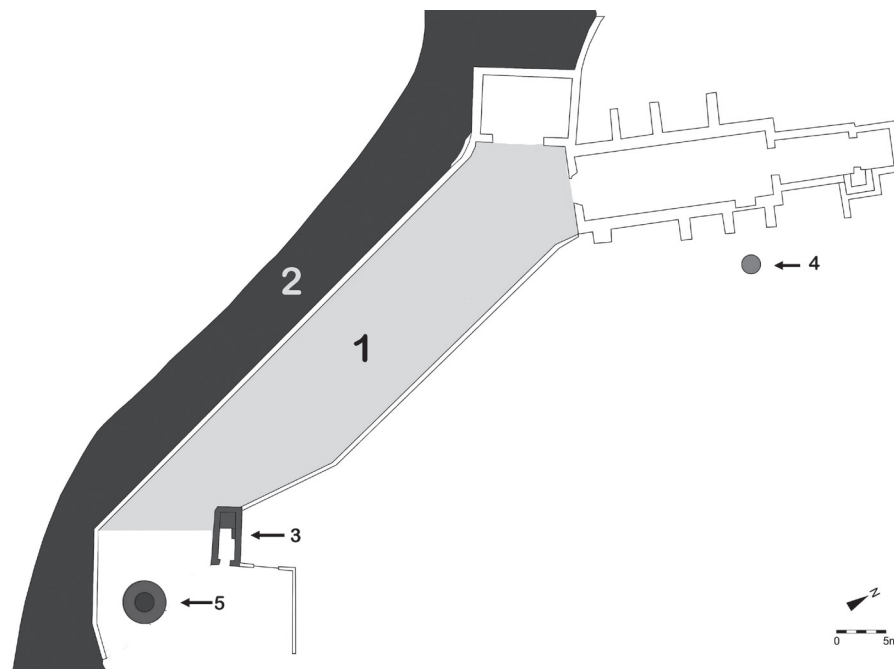


6. Detalhe de elementos usados na confecção do embrechado que decora a fonte do convento. São visíveis fragmentos de conchas, metal, calcite e faiança.

e batente em cantaria e ombreiras, provavelmente no mesmo material, das quais há apenas o negativo de implantação nas paredes Este e Oeste. O seu piso original equivale em altimetria ao piso do pátio. O investimento arquitectónico e o cuidado na construção deste espaço parece apontar para uma finalidade de alguma relevância no contexto do convento, o que nos leva a interpretá-lo como um pequeno oratório.

Um segundo momento construtivo observado corresponde a um grande investimento de recursos e trabalho na rede de captação e distribuição da água do convento, mas também da sua adaptação a uma demanda estética mais secular e mundana. O investimento passa pela construção de um sistema de canais cobertos, construídos com lajes de calcário e com reaproveitamentos de materiais construtivos Modernos, provavelmente pertencentes ao próprio convento (fig. 4). Estes canais conectam-se com a Fonte 1 através de suas aberturas na parede Este, abaixo do rebordo em pedra do tanque e bifurcam em duas direcções: para Norte (a jusante) em direcção a um segundo furo intra-muros (Fonte 2) ainda em funcionamento; e para Sul (a montante) prosseguem em direcção à Fonte do Rosário. Estando fora da área de afectação das obras então salvaguardadas pela intervenção arqueológica, os canais não foram totalmente escavados e provavelmente o seu troço Sul tenha sido destruído pelas obras não su-

pvisionadas anteriores à intervenção. Contudo, há registos de protestos populares às autoridades de que a captação de água da fonte do convento estaria a secar outros furos de captação extra-muros (Salvador, 1997). Coincidentemente a este investimento na captação de água documentado na historiografia local, surge um acréscimo decorativo à parte interna da fonte, à qual é acrescentada uma composição em embrechado (fig. 6) executada com conchas, apliques de metal, fragmentos de calcite amarela, de azulejos e de faiança formando grinaldas e padrões figurativos (ondas) e geométrigos (zig-zags). O material cerâmico empregue aponta para uma cronologia atribuível ao século XVIII (Simões, 1979 e 1997; Câmara, 2006; Moncada, 2008). Ao mesmo tempo, a decoração em embrechado, típica do Rococó (Kleiner *et al.*, 2001), encontra paralelos em jardins e espaços abertos dedicados ao lazer e à contemplação em espaços ajardinados e em contextos monásticos em várias partes do país, principalmente na primeira metade do século XVIII: Santa Maria da Costa (Guimarães), Santa Cruz de Coimbra, Convento de Moreira da Maia, o Mosteiro Beneditino de Ganfei (Valença), entre outros (Leite, 1995). Ainda nesta fase, são acrescentadas rampas em tijolo burro nas paredes laterais do poço, provavelmente para cobrir o rebordo em pedra já desgastado pelo uso. Estas rampas recebem um acabamento em embrechado a



7. Configuração da zona da igreja em finais do século XIX: adro da igreja (1), Estrada dos Remédios (2), Fonte 1 (3), Fonte 2 (4) e o cruzeiro da igreja (5) – Adaptado da Planta do Convento e Adro de S. Francisco em Peniche (Teriaga, 1892).

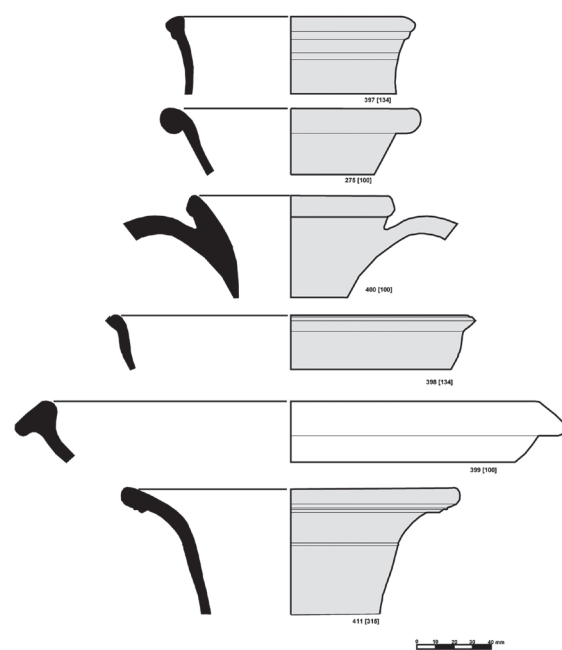
condizer com o anteriormente descrito.

A fundação do muro Este do adro da igreja articula com estas estruturas, vindo a terminar o canto externo da Fonte a Noroeste (fig. 4). Esta mesma estrutura e os depósitos arqueológicos adjacentes foram também escavados no contexto da sondagem 2, sendo nesta área o único registo arquitectónico Moderno detectado.

O abandono das edificações com a extinção das ordens religiosas em 1834 marca toda uma evolução urbanística em que o pátio é reduzido, o seu espaço dividido e reaproveitado, até ser totalmente condenado e aterrado. Por fim, a última configuração da área observada em contexto de escavação e registada em plantas históricas da segunda metade do século XIX (fig. 7) atesta a existência apenas da fonte cercada por áreas calçadas em seixos que correspondem ao piso do largo do cruzeiro e do adro a Este, Sul e Oeste, com o acréscimo de um trecho também escavado da antiga estrada dos Remédios. Em 1895 a água da fonte do convento é considerada imprópria para consumo (Salvador, 1997) e isto dita a condenação da estrutura, não havendo materiais posteriores a inícios do século XX nos depósitos que a colmatam.

O pacote artefactual escavado nas zonas adjacentes à fonte, bem como aqueles exumados dos depósitos de condenação da extremidade Sul do pátio apresentam uma composição pouco variada onde predomina a ocorrência de cerâmica comum (fig. 8) não decorada e a prevalência de formas associáveis a artefactos para recolha, transporte e consumo de água (cântaros, jarros, jarrinhas e púcaros). As pastas cerâmicas são bem

trabalhadas apresentando elementos não plásticos finos e confecção cuidada. Os raros exemplos de louça decorada atestam para o uso ocasional de peças mais elaboradas e até mesmo de alguma importação de olarias não regionais. A faiança aparece raramente e em fragmentos muito pequenos, quase sempre muito rolados, o que pode ser um indicativo de que se encontrem em contexto de revolvimento, trazidos juntamente com materiais de aterro que condenam zonas em desuso.



8. Algumas formas de cerâmica comum encontradas em contexto de escavação.

Para os níveis Modernos, a metade Sul da sondagem 1 é selada pelo empedrado do Largo do Cruzeiro, provavelmente atribuível a inícios do século XIX e que colmata uma seqüência de estratos anteriores (ocasionalmente perturbados por interfaces Contemporâneos para a implantação de infra-estruturas urbanas), ricos em cerâmica variada pouco rolada e que parecem corresponder a depósitos *in situ* exteriores às dependências do Convento. A utensilhagem nesta área apresenta formas que remetem ao processamento de alimentos (panelas, frigideiras, tampas, etc.), predominando aqui também a loiça simples, sem decoração. A sondagem 2, que atinge a área do adro da igreja, é marcada pela baixa frequência de cerâmica, o que seria de esperar, considerando-se o contexto. Contudo, aparecem bons exemplos de cerâmica Moderna decorada (fig. 9).



9. Fragmento de bojo decorado por impressão e incisão. Pasta vermelha apresentando elementos não-plásticos finos e cozedura uniforme.

Fragmentos de azulejaria aparecem dispersos por várias UE, marcadamente aquelas atribuíveis à fase de abandono das instalações do convento. Há uma predominância para peças tipicamente associáveis à indústria ceramista do século XVIII (fig. 10) (Simões, 1979 e 1997; Câmara, 2006) o que, juntamente com os momentos construtivos atestados pelas estruturas escavadas no contexto da intervenção, aponta para investimentos consideráveis nas edificações do convento nesse período.

A indústria em metal é reduzida e apresenta peças ligadas à faina na pesca (anzóis) e objectos de uso quotidiano (facas, pregos, chaves, etc). No que se refere ao vidro, a maior parte do material resgatado é tipologicamente inconclusivo, podendo ser atribuível tanto ao fabrico Moderno quanto Contemporâneo.

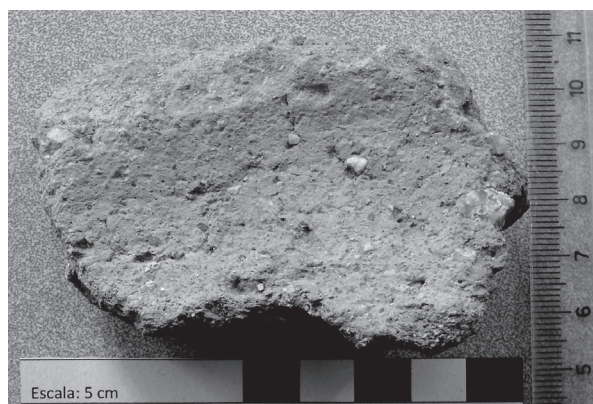
O material osteológico recuperado no contexto de escavação resume-se a fauna doméstica. Apesar da localização do sítio, a presença de fauna malacológica é pequena.



10. Fragmento de azulejo de figuração avulsa onde é observável motivo geométrico que tipicamente marca os cantos deste tipo de peça. Século XVIII (Simões, 1979; Câmara, 2006).

Foram observados raros líticos e possíveis materiais cerâmicos atribuíveis a cronologias mais recuadas, como alguns fragmentos de cerâmica manual de características tipológicas pré-históricas (fig. 11) e algum provável material romano, mas estas peças encontrava-se descontextualizadas, em UE remexidas.

Os depósitos que colmatam o poço, atribuíveis a finais do século XIX e início do século XX, estavam em



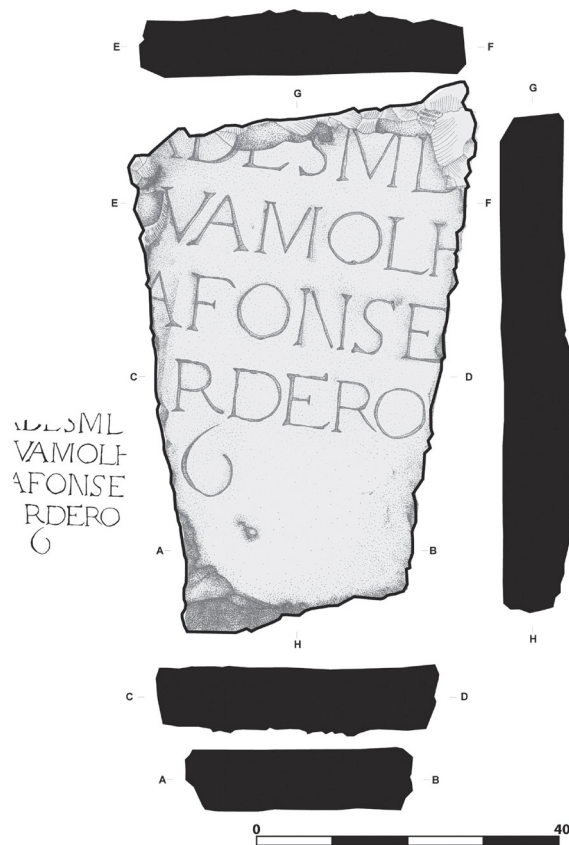
11. Fragmento de bojo em cerâmica manual com elementos não plásticos grosseiros e cozedura reductora. Escavada em contexto remexido. Pré-histórica?

ambiente anóxico favorecido pela própria humidade captada pela fonte, o que propiciou a conservação de materiais facilmente destruídos em condições adversas. Foi-nos possível recuperar fragmentos de corda em cânhamo (fig. 12), um fragmento de flauta em madeira e micro-fauna, entre outros. É digno de destaque um grande fragmento de lápide tumular com inscrição funerária em português, recuperado também no interior da fonte (fig. 13).





12. Fragmento de corda reforçada composta por quatro cordas entrançadas, envoltas em tecido vegetal (serapilheira) amarrado com pequenos cordões entrançados. Proveniência: depósito de colmatação da fonte do Convento.



13. Fragmento de lápide com inscrição funerária encontrado em depósito de colmatação da fonte do Convento.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se as dimensões do sítio em questão e a pequena área intervencionada, subsistem muitas lacunas na história de ocupação do Convento do Bom Jesus de Peniche que ficarão, pelo menos por enquanto, sem resposta. Os dados mais concretos em termos de evolução arquitectónica e de cultura material obtidos

na actual campanha são provenientes da sondagem 1, infelizmente não esgotada por conta da destruição de alguns dos seus níveis mais antigos. Contudo, do que foi possível resgatar em contexto de escavação, tem-se o panorama de um sítio dinâmico que no seu apogeu dispunha de recursos sólidos, atestados pela sua cultura material e pelos investimentos em construção. Estes são em parte reflexo da ascensão político-económica de Peniche, que possibilitou a uma elite local investir na manutenção de uma estrutura religiosa dispendiosa.

Das áreas intervencionadas, a sondagem 1 dá-nos uma ideia da importância da água enquanto recurso essencial numa localidade onde não existem nascentes e onde este bem necessita de uma gestão cuidada. Ao esforço inicial de captação da água, possivelmente entre os finais do século XV e o início do século XVI, soma-se no registo arqueológico um grande investimento, provavelmente em inícios do século XVIII, na melhoria das estruturas existentes e na extensão de uma rede de captação e armazenamento de água.

A crivagem das areias resultantes da construção anterior ao acompanhamento arqueológico produziu um rico pacote artefactual que fornece indícios da dinâmica utilização do espaço ocupado pelo convento. Há evidência de que haveria originalmente uma área de talhe de sílex na zona afectada pela obra com a presença de várias lascas tipologia diversa e núcleos. A presença de numismas que vão do século XVI ao XVIII juntamente com a representatividade de faianças tipologicamente atribuíveis a este período ajudam a caracterizar um sítio que se beneficia da vitalidade económica de Peniche na Época Moderna. Estão presentes no acervo resgatado por crivagem fragmentos de cerâmica importada majólica cronologicamente atribuível ao século XVI; azulejos de arestas de produção hispano-árabe (século XVI-XVII), peças em faiança de produção nacional com temática altamente influenciada pela iconografia oriental e atribuíveis ao século XVII; faiança de decoração geométrica (século XVII-XVIII) e cerâmica de ratinhos de que indicam comércio significativo com as olarias coimbrãs no último século de ocupação do convento. Contudo este acervo é altamente limitado em termos de informação por conta da falta de contextualização do material.

O estudo do espólio artefactual recuperado durante a intervenção encontra-se actualmente em fase de tratamento e estudo laboratorial. Apenas após a conclusão deste trabalho teremos um inventário detalhado da amostra exumada.

Graças à colaboração entre os arqueólogos em campo, as autoridades locais e o dono da obra, foram feitas alterações ao traçado da rede de esgotos planeada para

a área da sondagem 1, evitando-se a destruição das estruturas modernas acima descritas. Após a protecção das mesmas, estas foram colmatadas com areia e sedimento e encotram-se preservadas (apesar de não viáveis) sob o traçado da Rua Raul Solnado.

## AGRADECIMENTOS

As informações sobre a evolução urbanística da área recolhidas durante o trabalho de escavação foram corroboradas por informação, documentação cartográfica e plantas fornecidas pelo Direcção de Infra-Estru-

turas do Exército – Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, pelo que deixamos aqui nosso agradecimento aos profissionais desta instituição por nos permitirem pronto acesso ao acervo. Ao Sr. Fernando Engenheiro, historiador local; ao Sr. José Carlos Romão, defensor do Convento do Bom Jesus, e ao arqueólogo Dr. Adriano Constantino, por fornecer imagens, bibliografia e acima de tudo o inestimável saber local. Sendo a história um processo dinâmico, são as pessoas que a constroem, preservam e re-elaboram na sua memória e nos seus fazeres, os verdadeiros guardiões do tempo.

## BIBLIOGRAFIA

BLOT, M. L. (2003) – *Os Portos na Origem dos Centros Urbanos*. Trabalhos de Arqueologia, n.º 28, Instituto Português de Arqueologia.

CALADO, M. (1984) – *Peniche na História e na Lenda*. 3.ª edição. Edição do Autor. Silvas Coop. de Trabalhos Gráficos.

CALADO, M. (1994) – *Da Ilha de Peniche*. Edição do Autor. Regigráfica, Lda.

CÂMARA, M. A. (2006) – *Azulejaria do Século XVIII – Espaço Lúdico e Decoração na Arquitectura Civil de Lisboa*. Civilização Editora e Centro de Investigação em Ciências e Tecnologia da Universidade Católica Portuguesa.

CAMARATE FRANÇA, J.; ZBYSZEWSKI, G. e MOITINHO DE ALMEIDA, F. (1960) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia explicativa da folha 26-C Peniche*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.

COSTA, J.; MELO, A. (1993) – *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6.ª edição. Porto Editora.

DIAS, J. A. (2009) – *Alguns Exemplos da Rápida Evolução Costeira em Portugal. VII Reunião do Quaternário Ibérico*. Faro, p. 17-21.

DUARTE, L. (2003) – *O Jurássico do Cabo Carvoeiro*. 20 Milhões de Anos de Histórias Geológicas com Valor Patrimonial. III Seminário Recursos Geológicos, Ambiente e Ordenamento do Território. Vila Real, p. 263-272.

ENGENHEIRO, F. (2010) – *Peniche pelos Caminhos do Passado. Primeiro Volume: Vida Religiosa*. Edição do Autor.

HARRIS, E. (1997) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Academic Press – Harcourt Brace and Company. Second Edition. London.

KLEINER, F.; MAMIYA, C. e TANSEY, R. (2001) – *Gardner's Art through the Ages*. Eleventh Edition. Thomson-Wadsworth.

LEITE, A. C. (1995) – *Alegorias do Mundo: a Arte dos Jardins*. In PEREIRA, P. (Ed.). *História da Arte Portuguesa*. 3.º Volume, p. 207-231. Círculo de Leitores.

MACHADO, J. e ALMEIDA, M. (2008) – *Desenho Arqueológico: Procedimentos Técnicos com Apoio Ortofotográfico. Apontamentos de Arqueologia e Património*. 1, p. 41-46.

MATTOSO, J. (2002) – *Inventário: Ordens Monástico-Conventuais*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

MONCADA, M. (2008) – *Faiança Portuguesa Séc. XVI a Séc. XVIII*. Scribe.

SALVADOR, F. M. (1997) – *Peniche – História da Água, História de um Povo*. SMAS. Peniche.

SIMÕES, J. M. (1979) – *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

SIMÕES, J. M. (1997) – *Azulejaria em Portugal no Século XVII. Tomo I – Tipologia*. 2.ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

## CARTOGRAFIA

*CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHA 337* [Material cartográfico] Serviço Cartográfico do Exército – Escala 1:25000 – Lisboa: SCE, 1965.

PEREDA, F.; MARÍAS, F.; HERNANDO, A. e KAGAN, R.; MARÍAS, D. (2002) – *Mapa Histórico de Peniche (Fol. 46)*. Atlas del Rey Planeta.

RODRIGUES, J. (1885) – *Praça de Peniche: Planta da Igreja e do Antigo Convento de S. Francisco e do Terreno Cedido pelo Ministerio da Guerra à Camara Municipal de Peniche para Cemitério, por Occasião da Epidemia do Cholera morbus*. Documento Cartográfico. Direcção de Infra-estruturas do Exército. Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar.

TERIAGA, J. (1892) – *Planta do Convento e Adro de S. Francisco em Peniche*. Documento Cartográfico. Direcção de Infra-estruturas do Exército. Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar.